

309
SPHINX

**REVISTA
DE NOVOS.**



2

um tostão

SPHINX

REVISTA MENSAL
≡ ILUSTRADA ≡

DIRECTORES

LITERARIOS

Laura de Almeida Nogueira
Celestino Soares (da Faculdade de Letras)

ARTISTICOS

José Leitão de Barros (da E. de B. Artes)
Cottinelli Telmo (da E. de Belas Artes)

FUNDADORES

Tereza Leitão de Barros, Laura de Almeida Nogueira, Carlos Chambers Ramos (da E. de Belas Artes), Celestino Soares (da F. de Letras), Francisco Vieira Machado (da F. de Direito), Cottinelli Telmo (da E. de Belas Artes), José Leitão de Barros (da E. de Belas Artes), José Mercler Marques (do I. Superior Técnico), Luis de Almeida Nogueira, Luis R. Santos, Luis Simões Raposo (da F. de Medicina), Vasco Guimarães Anjos (Fontalva).

N.º 2

SUMARIO:

Março, 1917

	Pag.
Sphinx (Poesia), por <i>Francisco Costa</i>	25
O milagre de S. Remigio, por <i>F. Mendes de Brito</i>	26
Um Pobre, por <i>João Reis</i> —(Reprodução do quadro)...	31
Cheia de Graça (Poesia), por <i>Américo Durão</i>	32
Novíssimos, por <i>J. L. de Barros</i>	34
Luar Enfermo (Poesia), por <i>J. Cabral do Nascimento</i> ..	36
Estação Morta (Poesia), por <i>J. Cabral do Nascimento</i> ..	37
Opalas, por <i>Alberto Osório</i>	38
Mãos de Sonâmbula (Poesia), por <i>Carlos de Vasconcelos</i>	41
Jardim das Lendas (Poesia), por <i>Carlos de Vasconcelos</i> ..	42
O MÊS:	
Estados d'Alma, por <i>José Osório de Oliveira</i>	43
Exposição Sousa Lopes.....	43
Exposição Alma Nova, por <i>F. de S. Fonseca</i>	44
Exposição Lima Cruz, por <i>Cottinelli Telmo</i>	44
Bibliografia, por <i>Américo Durão, L. R. Simões Raposo</i> e <i>Celestino Soares</i>	45
Através da Vida Actual, por <i>Luis de Almeida Nogueira</i> ..	48

SECRETARIO E EDITOR

Luis de Almeida Nogueira

Correspondência dirigida ao Secretário — Praça de D. Luis, 17—LISBOA

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL da "SPHINX"

Composto e Impresso nas OFFICINAS GRAFICAS de Henrique Pereira & Cta.
Rua Palva de Andrade, 4 a 12 — LISBOA

EXPEDIENTE

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal, Ilhas e Colonias	60 cent.	1\$20 cent.
Africa e India.....		1\$40 cent.
Brasil		6\$000 réis
Estrangeiro		7 francos

Numero avulso 10 cent.

As assinaturas são pagas adiantadamente. A cobrança é feita pelo correio e á custa do assinante.

ANUNCIOS

	1 publicação	6 publicações
1 página.....	5\$00	27\$50
1/2 "	3\$00	16\$50
1/4 "	2\$00	11\$00
1/8 "	1\$00	5\$50

Fóra do espaço reservado a anuncios, contractos especiais. As gravuras são á custa do anunciante.

Devolve-se o original não publicado. Os escritos e desenhos são da intelra e exclusiva responsabilidade dos seus autores. Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretario.

SPHINX publica os originais literários ou artísticos dos novos, desde que êsses originais o mereçam pela sua fôrma superior ou pelo saber que revelem.

S P H I N X

Poetas, vibram de emoção etérea ;
Escultores, trabalham a Matéria...

A. Correia de Oliveira.

... E todas as manhãs o Sol se alteia,
cota de bronze, heróico combatente...
Ao meio dia a sua luz campeia,
— tudo se curva ao astro omnipotente.

Mas, pouco a pouco, o campeador baqueia,
rôta a armadura, em ânsias, no Poente...
... Eis que de novo o seu fulgor se ateia,
e recomeça a lida do Nascente...

Assim as gerações. Sobe uma, avança,
passa o zenite e além no mar se lança...
mas outra acorre aos louros da vitória.

Agua do Espaço, o Pensamento luta ;
terrena, a Mão trabalha a Pedra bruta...
A Idéa e a Fórma! Eis os brandões da Glória!

29-1-917

FRANCISCO COSTA



O MILAGRE DE S. REMÍGIO

Foi em Valclusa, nas montanhas solitarias do Luberon. Por lá vivia um moço pastor que ciosamente guiava e pascia nas clareiras de relva, por entre torrões e penêdos, um enorme rebanho de tristonhas ovelhas mansas, de fina lã alvacenta e ligeiros tons citrino-claros — que sob as chuvadas e com o pó dos caminhos se tornavam terroso-pardos. Logo de manhã cêdo, á luz dubia e sob o ar fresco da madrugada, desciam ao sopé do monte, onde o fio argenteo do regato, que vinha serpenteando lá do alto do cume agudo da serra, se espriava no chão limpo, em uma lamina d'agua baixa e espelhenta, sobre o vale plano. A' volta o pastor, tomando a dianteira, fazia reboar com força os sons longinquos da busina; as tarambolas voavam assustadas por sobre os carrascais silvestres e iam poisar lá longe, nos ramos espessos das abroteas.

Descêra êle um dia á cidade que, para além ainda d'onde o monte extenso encurva o espinhaço grosso, jaz acachapada e entorpecida, dormindo ao sol activo que todos os dias logo de madrugada passa d'alto arrimado ao ceu, com o olhar ciclopico em brasa, ardendo de zêlo e exuberancia, sob as longas pestanas flamejantes de luz; ouvira ao monge da igreja matriz uma pratica consoladora, sobre a Bem-aventurança prometida aos bons pelo branco Rabi da Galilea que prêgara em Naim e em Tiro, nas ribas de Genesaré, nas sinagogas de Cafarnaum, nas estradas de Jerusalem a Jericó, em Sidon, em Cesarea e fôra até aos menos pingues logarêjos de Betanea e Betfagé. Desde esse sacrosanto dia crescia o moço pastor na graça vivificante de Deus e a sua alma candida era delicada e pura, velada e mimosa, ao abrigo das enxurradas negras do Pecado e perenemente angelizada pelo balsamo da virtude. Com o olhar alongado e lento cravado no ceu, todo prendido ao seu amor a Deus, ansiava ir pr'a Ele e neste anseio desejava mesmo, ao contemplar o ceu nublado e turvo, rebolar-se no fôfo algodoadado das nuvens, antevendo naquele gôzo idealizado um vislumbre do gôzo celestial que fortemente apetezia nos bem-aventurados lugares dos Escolhidos.

Com estas fundas abstracções, a sua alma verde e mística, mal apercebia ali á roda de si, a espesinharem-lhe as sandalias rotas, as patas dos borrêgos e as dissoluções fluídicas dos balidos meigos das ovelhas-mães, a lamberem os dorsos luzidios dos cordeirinhos debeis. Do meio do rebanho subindo no ar limpido para se ir esbater e morrer pr'a lá da quebrada da serra, saía com um rijo bafo de som o constante berrar do gado. Lá muito no alto de vez em quando um bando de gralhas esboçava no ar claro a mancha pardacenta d'uma sombra, deslisante serêna no espaço imovel. Em baixo, no vale, o vento ligeiro remexia continuamente a ramaria tremula das folhas das amoreiras, onde a miude poisavam aves. O monte, com o longo dorso-lançado em derredor, emoldurava o ermo calmo e triste, por onde perpassava manso e brando como um afago, o desvanecido sopro d'uma brisa que mal podia dissipar no ar o fumo azul que se elevava a custo do lume fraco das fogueiras vermelhas dos outros pastores. A luz do sol, coada por entre a rama nas matas de salgueirais, hieroglifava, no chão liso, multidões de pequeninos circulos brancos de luz que tremiam sob a folhagem. De madrugada, de bôrco sobre a agua dum lago proximo, em cujas margens a agua, parada e mole, punha

uma baba suja de folhas sêcas e espuma, ia êle molhar a cara estremunhada do sôno, enxotando das carunculas humidas o importuno perigo zumbidor do voar tonto das moscas. Se o sol suavemente vinha aquestrar o herveçal viçoso, ainda salpicado de gotas perliformes do orvalho da manhã, o pastor, languido e forte, ia mangonear-se nas lombadas fôfas das folhas murchas dos mirtos que começavam agora a vicejar á luz vigorosa do astro. Punha ao lado a busina já puída do uso e então, dolentemente, desapertando dos sapatos as longas tiras de pele de chibo que se lhe enroscavam até acima nas panturrilhas gordanchudas, sacava do surrão a sua avêna de sincero que tinha bordados finos e logo na amplidão dos ares, diáfana e silenciosa, se perdia uma remota melodia triste que dobrando a selada sinuosa do monte, se ia misturando aos descantes religiosos dos passarinhos que ariscos e irrequitos, empoleirados nas magras ossaturas d'alguma solitaria e nua amoreira desramada, espionavam vigilantes as garras execráveis do sacre temido, d'asas brancas ligeiras e bico grosso, occulto na sombra dos penêdos.

Quando o sol perpendicular e quente lhe começava a arder nas faces já torradas, o bom do pastorinho, mudando de rôjo o surrão e o cajado, ia dormir no fundo fresco d'alguma cárcava fresca, onde crescem fetos e lentilhas; ou então se o calor era benigno, ficava simplesmente nalguma sombra generosa, olhando ao longe os tamarindos em flôr ou despegando com pachorra os quermes escarlates dos troncos dos carvalhos. Ao desvanecer do dia, depois do sol mergulhar e morrer nos abismos do Poente, tingindo com um rubro clarão de lume as nuvens paradas no ceu azul, humildemente prostrado de joelhos, sobre qualquer lancil perdido e duro, fitando os quietos ceus levantava a Deus uma oração: — «Senhor! Senhor! Perdoai-me se pequei! Que se acabe o pão na minha choça e que as aguas do Luberon se escôem na terra, para que me mirre de fome e de sêde em expiação do meu pecado!...»

Naquele remansado êrmo, quêdo e mudo, vasio de rumôres do Mundo e onde desafogadamente pode arribar a Virtude, o candido pastor d'alma angelizada e transparente, sem mancha de tentação nem nodoa de pecado, alvissima e casta como uma açucêna, ia assim crescendo e avigorando, divinamente purificada na campesina castidade dos ares diáfanos da solidão.

Um negro dia chegou, porém, em que êle desolado e triste, se encontrou bem derribado e trôpego. Envelhecêra! Sentiu que todo o ceu conglobado lhe pesava na fronte pálida e engelhada e forçosamente o fazia vergar para a terra, como se actuando do seio da terra, alguma extranha, poderosissima força, o arreatasse com frenetica ternura, para lhe depôr na face enrugada o gelido osculo duma afinidade eterna!...

Ressequido e magro, com o dorso descarnado e curvo, onde a carcassa mole — outr'ora firme e forte — sossobrava abatidamente ao pêso encarquilhante da velhice, conservava na face sêca, de pele tostada toda franzida de gêlhas e refêgos, uma viva expressão d'animo esplendido e de bem estar d'alma, milagrosamente divino e santo, sem a mais esbatida mácula de pecado!...

Pelo fundo olhar desanuviado e limpo, podia ver-se-lhe a celestial purêsa d'aquela alma hialina, como através da fonte mais limpida que haja podemos vêr, no fundo liso, o cristalino luzente do cascalho.

Era tal e tão intenso e trasbordante, o fogo santo da divina graça que em tórno da sua fronte veneranda e carcomida parecia até haver,



inflamada de santidade, uma luminosa aureola de luz e d'esplendor, como magnificamente se conta dos santos e santas, nas edenicadas descrições ardentes de ceu e religião, naquele livro preciosissimamente cristão *Flos Sanctorum*, de um tão fino sabor fantasista a Ceu, a Graça e a Virtude!

Os ombros arrepanhados para a frente viam-se mirrados, encarquilhando-se como acontece ás folhas velhas das arvores. Na boca enrudecida, sobre a maxila escanifrada e saliente, as comissuras recuadas esculpíam-lhe, na compleição satisfeita, um perene sorriso de consciencia repoisada; e na cabeça pendida para a frente, as rêpas descóradas emolduravam-lhe a calva esturrada pelas solheiras torridas d'estios, crescendo em orla por sobre as orelhas e na nuca, silvestremente, cerradamente, como se fôsem liquens ou musgos seculares entofados nas arestas priscas das ruínas ou nos troncos imorredoiros dos carvalhos.

Sobre a peitaça concava e seca — outr'ora arfante e musculosa — havia ainda, estiolada e murcha, já enruçada pelo poder dos anos, uma rala cabeladura bem grisalha e borolenta, envolucrando no torax costelento e descarnado, dois pulmões de ferro, limpos e duradoiros, continuamente enrijados pelo sadio ar dos penhascos, sempre varridos p'la ventania.

Nas mãos nodosas, tostadas no dorso, mais claras na palma, havia arabescos reticuliformes de veias salientés. A pele na pôlpa dos dedos franzira-se de gelhas, como succede aos frutos maduros postos a secar ao sol. Agora mal podia suster no corpo fraco de velhinho o peso do cajado e do surrão, posto a tiracolo por cima dos ombros secos! E era então para êle um doloroso castigo e sofrimento, ter de transpôr a rampa dos valados, trepar barrancos e fraguêdos, escarpas de penhas a pique e chegar até a resvalar no musgo esverdeado dos penêdos, para ir tosar alguma ovelhinha distante e desgarrada!

E erguendo para o alto a fronte lenta, cosida ao solo, sobre o espinhaço curvo, respirava esmorecidamente, num imenso desconforto resignado:

— Grande é o meu cansaço, bemdito e louvado Deus! . . .

Era uma fôska tarde d'inverno, tinham-se coalhado os ares duma negra farrapagem nublenta. Pela ramaria das arvores um vento veloz desgrenhava violentamente as cabeleiras verdes da folhagem — e sibilava. Densas nuvens cinzento negras, conglobadas, corriam como couraçados entrechocando-se; remoinhos de folhas secas e poeira, enroscavam-se no ar turvado como se fôsem *geysers*. Os passaros fugiam piando para o abrigo das tocas ou para o esteio recolhido da ramagem cerrada. O dorso do monte tomara agora uma côr cinzento-arrouxada em continuidade com a tela imensa do ceu, enlambusado de nuvens em massa, num mixto de tonalidades de cinza, fumo e hulha. A luz do sol minguára, ofuscára-se, parecia apagar-se!

Abrigado na choça, o velho absorto e triste, sentara-se no banco de pau sorvendo lentamente da escudela cheia, um caldo anemico de fêbra, onde pusera a boiar as sopas do ultimo motreco de pão. Bebeu do cangirão uma tarraçada de vinho, enxugou na fimbria do capote a orla vermelha dos labios grossos.

Fóra, as nuvens muito negras, roçavam-se velozmente umas pelas outras; um trovão explodiu fortemente, pareceu estalar no firmamento a calota serena do ceu . . . e a um tempo, grossos cordões d'agua desabaram, bateram a terra, espalhando o sussurro marulhoso da chuvada e da ventania, fazendo agitar mais a ramaria das arvores que afitivamente se debatiam, se contorsiam como quem quer gritar e fugir!

Grossos fios d'agua adensavam, escureciam o ar, faziam murchar nas axilas as folhas das arvores açoitadas; no rebanho as ovelhas pacientes, sem um balido, escondiam as cabeças pequeninas. O aguaceiro crescia continuamente, inundando e alagando tudo!

Encolhido no fundo escuro da choça, sentindo a agua romper o côlmo, o decrepito pastor, corcuvado e triste, ouvia rugir em cima o murmurio grosso da enxurrada que descia rolando no vale. De subito abriu-se o ceu e num traço repentino desenhou-se no ar o refulgente zigue-zague do raio, que foi logo anavalhar a terra no cume de Luberon! . . . Seguiu-se depois outro e outro. De dentro da choça o velho, zoupeiro e triste, espregueitou de surrate os efêmeros clarões: Crescia o sussurro da chuvada e o

raio riscava, iluminava o ar. Anichado a um canto da choça, perdido de medo, embrulhou-se mais nos farrapos de linho, cobriu os joelhos e rezou, tremendo.

Ai de si, porque a pobre da sua alma, apavorada, bem percebera na severidade da borrasca, a horrível increpação do Senhor!

E logo ao outro dia, sem esperar que o sol nascesse, se pôs a caminho de S. Ouquerio, para se confessar rojado e arrependido, aos pés venerandos do ermitão. Pôs á cintura o boldrié de coiro, juntou o surrão e o cajado, agasalhou-se no capote e rompendo p'las espessuras incertas dos campos alterosos, embrenhado nas matas, sofreu santamente a sêde, picou-se nos cardos e nos azevinhos...

O sol dessa manhã batia-lhe de chapa no dorso corcovado e pintava no ceu azul, já livre de nuvens, uma lisa zona esbatida dum ligeiro tom sobre rosado. Voavam-lhe os passaros da rama dos pinheiros, á borda da estrada e mergulhavam, chalrando, nas hastes dos canaviais. Só a atroada das alcatordas quebrava de vez em quando o silencio imenso do espaço imovel.

Quando chegou á ruínosa ermida de S. Ouquerio, foi logo matar a sêde horrível que o mirrava, nas prodigas aguas do chafaris ao lado do torreão do sino; e candidamente agradeceu ao Senhor aquela agua tão limpa e tão fresca que por sua bondade e mercê lhe fizera jorrar ali por debaixo naquella sombra. A capela decadente e triste tinha bem o desalinho ruínoso dum «dolmen druidico de Korkono». No sitio da caliça despegada tateava a hera e nos buracos, furando pelas telhas quebradas, os pardais iam fabricar os ninhos. No vertice agudo do torreão do sino, o catavento de lata girava num oscilamento incerto; e no telhado amolgado e abatido, sobre as parêdes mal caídas de branco, pequeninas sebes de gramineas cresciam por toda a parte.

De dentro do seu amplo roupão de monge, o velho ermitão cofiando as longas barbas brancas, perguntou ao pastor que ajoelhara junto do altar florido, mesmo por debaixo da unica lampada de prata que crepitava funérea e triste:

— De que vos acusais, meu irmão?

O velho pastor, tremulo, ergueu as mãos ao ceu:

— Senhor, um dia lá no vale, matei sem querer, com uma pedrada, uma alveloa que saltitava no meio do gado...

O monge abriu os olhos, espantado, e julgando tratar-se d'algum pobre doido conhecido, inquiriu unindo os pés gelados nas sandalias rôtas:

— E quem sois vós, irmão?

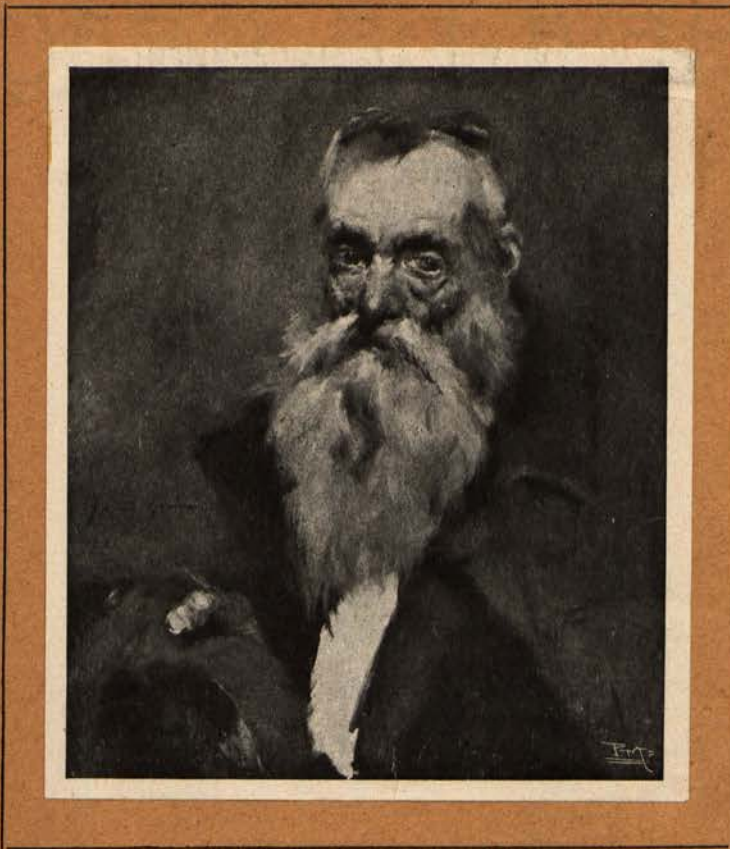
— Senhor, eu sou Remigio, pastor no Luberon... respondeu, consentando no ombro a correia do surrão.

Então o monge, desconfiado, quis experimentá-lo; ergueu-se do escabelo e com um sorriso de fino oculto nas barbas, aconselhou adocadamente, arregaçando as largas mangas da tunica e disfarçado:

— Vinde cá, irmão; dependurai o vosso capote ali naquele pau...

O pau que o monge lhe apontava, era um grosso feixe de raios doirados do grande sol que brilhava lá fóra.

O pastor levantou-se; tirou dos ombros secos o capote, e devagar e curvo, foi largá-lo no raio de luz... E logo o capote, milagrosamente, ficou suspenso do luminoso feixe!...



: : : : UM POBRE : : : :
(DA GALERIA DE SUA
EXCELENCIA O DUQUE
DE PALMELA). QUADRO
DE JOÃO REIS, O MAIS
BRILHANTE E O MAIS
EXTRAORDINARIO PIN-
TOR DA GERAÇÃO NO-
VISSIMA : : : : : : : : : :

CHEIA DE GRAÇA

Aquela moça de aldeia
Que eu conduzir ao altar,
Há-de trazer-me à ideia
Desejos de lhe rezar.

Foste a Escolhida e parece,
Assim Deus seja comigo,
Que se passas reverdece
Toda a seara de trigo.

E o nosso amor é tão puro,
Tão cá de dentro da gente,
Que de olhar tanto o futuro
Já me parece presente.

Tendo passado alguns anos
Um filho meu ao teu colo,
Há-de ser nos desenganos
O nosso amparo e consolo.

E a tua voz modulada
A' cadência do meu uso,
Virá dizer-me, encantada:
«Olha os frutos que eu produzo.»

Se o nosso menino chora
Quer o leite do teu seio.
Vais dar-lhe o peito e agora
O choro é canto e gorgieio.

Desacolchetas os folhos
Do teu vestido. Sorrio.
E pões-lhe diante dos olhos
Teu peito forte e sadio.

Tudo com o ar natural
De quem de ser mãe se preza,
E tem no filho um foral
Da mais alta realeza.

*

Meio dia. Pouso o arado
E vamos jantar os dois,
Tendo o menino enlevado
Nos olhos tristes dos bois.

Passa por nós ao caminho,
Um pobre de mendigar,
Pedes-lhe logo: «Irmãozinho
Ajude-nos a jantar.»

Pões a toalha num combro
E sentados ao redor,
O pobrezinho ombro a ombro
No lugar que houver melhor.

*

De madrugada o pastor
Dirá logo, mal nos veja:
«Louvado seja o Senhor!»
Nós ambos: «Louvado seja!»

NOVISSIMO

A'quêles novos de valor, que, desprotegidos de apadrinhagens felizes, com difficuldade vão vencendo e marcando entre os outros o estigma da sua individualidade — aos que trabalham, aos que sentem, aos que pensam, animados pelo calor honrado dum Sentimento ou duma Ideia, apóstolos duma Fôrma ou duma Cór, a êsses todos trataremos nas folhas desta Revista modestissima, acarinhando-os sem protecçõismos desiguais e respeitando em todos a santa e ingênua crença da Idade.

HEBE (DE CARVALHO GOMES)

A Senhora Hebe Gomes não é uma artista absolutamente nova. Tem exposto aguarelas ha alguns anos na Sociedade Nacional. Mas tem sido tão injustamente tratada por essa parte do publico que vê quadros como quem vê superficialmente um *bibelot*, que não resisti á tentação de a colocar aqui nesta pagina, onde justamente com palavras de encorajamento e de sentido elogio procuro animar a prosseguir aqueles que como artistas me parecem ter um merito real.

A Senhora Hebe Gomes é um temperamento especialissimo de artista e se não tivesse ficado na especialidade da aguarela seria já hoje com certeza uma pintora notavel no óleo, como de resto não deixa de o ser na aguarela.

Aqui evidenciou-se esta Senhora na pintura do retrato, em que foi extraordinaria, ha dois anos na «Tia Mariana», fazendo uma das melhores aguarelas e uma das mais completas obras d'arte dessa exposição; e ainda em Dezembro último com a «Mantilha Branca» no mesmo Salão de Belas Artes.

Na paisagem e nas flôres é a Senhora Hebe Gomes uma artista delicada, mas seguindo o nosso modesto parecer, esta Senhora dedicar-se-ia especialmente á pintura de figura e do retrato.

EDMUNDO TAVARES

Trata-se dum dos modernissimos architectos saídos da aula de architectura de Lisbôa.

Eu devo apresentar Edmundo Tavares como o tipo justo dos artistas da architectura, dessa nova geração, que tem saído e continúa saindo daquela furna escura e desconhecida do Largo de S. Francisco. Porque é preciso que se saiba que há em Portugal architectos, além de V. Terra e Bermudes, e que alguém, com um esforço pouco espalhafatoso, continuo e persistente tem vindo gastando o melhor da sua energia e da sua intelligencia a preparar essa pleiade de architectos novos, que em breve teem o dever moral de se distinguir como o tem feito a última geração de pintores e esculptores.

Pois no primeiro plano dos novos architectos é justo colocar Edmundo Tavares — um trabalhador, um talento bem pessoal e bem português.

Tavares é o exemplo vivo daqueles nossos rapazes vivos, honestos e inteligentes, sem exotismos petulantes nem aspirações exageradas.

Um conhecedor profundo da architectura classica como a maioria dos alunos que saem do Mestre José Luis Monteiro, o Patriarca da architectura em Portugal, como Caldeira, Carvalho, os irmãos Andrade, etc., Edmundo Tavares tem conhecido quasi sempre a apatica aversão dos fregueses merceeiros, e ainda não teve como esses outros occasião de mostrar o que é.

Primeiro é necessario que morra em Portugal todo o mau gosto dos mestres d'obras e de quem se lhes entrega... e isso leva tempo.

RAUL XAVIER

E' um novo e tambem um grande desprotegido.

Tem três qualidades más para quem quer vencer em Portugal: é pobre, é modesto e tem talento. Ter talento não é precisamente a qualidade essencial para vencer aqui. Raul Xavier precisa mais audacia, e mais confiança em si proprio.

Vence-se pelo talento e tambem se vence pela força. Xavier tem tentado pela primeira maneira. Se não vence, que tente pela segunda...

Discipulo querido do velho mestre Costa Mota, o grande poeta da Forma, Raul Xavier tem firmado a sua personalidade em estatuas duma impecavel correcção desde o «Busto de Minha Mãe» até agora aos ultimos trabalhos na Exposição da «Alma Nova».

Ha uns 30 anos, na época gloriosa em que nasceram para a arte os primeiros discipulos de Silva Porto, ainda havia, em Portugal, meia duzia de pessoas ricas, cultas, interessadas por questões d'arte, dessa tão cada vez mais rara élite de estétas naturais, de sensiveis temperamentos d'artista — essa meia duzia de pessoas ricas, mantinha á sua custa, em Paris e noutras capitais, os melhores elementos da antiga Academia Rial de Belas Artes.

Hoje, esse núcleo de criaturas generosas — em que havia certamente louras condessas de olhos romanticos, baronesas pálidas apaixonadas por pintores de 20 anos, morenos e de barba á guise — desapareceu.

As baronesas d'hoje, muito menos romanticas e muito mais louras, amam decididamente os aviadores d'Azambuja, tomam injeções de dinamol nos consultorios da Baixa e, em questões de estética, quando muito, aparam o buçozinho na maçagista Potocka.

— Essa fase de protecçionismo aos artistas, foi-se.

Senhor Raul Xavier, não conte com nenhum protector de chapéu alto e de charuto que o mande a Paris. — Saiba ter o especial condão de se proteger a si proprio...

J. L. DE BARROS



LUAR ENFERMO

O sol é agora um corpo de abandôno,
E tem as mãos unguidas de pecado.
E em seus braços de luz possui Outôno,
Languido efebo de perfil magoado.

Córam as nuvens de vergonha e pejo,
E as arvores sacodem o cabelo.
E a Natureza morre de desejo,
Olhando do efebo o corpo belo.

Entre os meses Outubro é o mais artista;
Foi durante êle, eu sei, que Inês de Castro
Teve a loucura rubra de se dar.

Luar de Outôno é um pálido onanista;
E as manchas côr de lírio sobre o astro
São as rôxas olheiras do luar.

JOAM CABRAL DO NASCIMENTO



ESTAÇÃO MORTA

Que nostálgico e triste desmazêlo
Na lassidão do meu jardim vasio!
Nem mais um grito de pavão se ouviu;
Cobriu-se o parque todo de amarelo...

Nos altos eucaliptos, o frio
Canta a balada heroica do castelo,
Onde á espera do noivo e para vê-lo
Uma princêsa um século dormiu.

As aranhas comentam o abandono
Do meu jardim, ao decorrer d'outôno,
Nas suas teias — rendas da Bretanha, —

Com vagas reticências prateadas,
Como hieroglifos duma língua estranha...
Irónicas, sinistras, desenhadas.

JOAM CABRAL DO NASCIMENTO



O P A L A S

Num país cheio de sonho, lá para as bandas do Norte, contam velhas e piedosas lendas que vivera outr'ora uma princesa cuja estranha formosura matava de amor quem-na visse.

Elsa era o seu nome.

No mais alto das muralhas do castelo rial costumava, ás horas melancolicas do poente, descansar o luminoso olhar azul na imensidade calma e profunda do mar.

Não houve príncipe por muito poderoso de aquella época que, atraído pela exaltada fama de uma beleza tão peregrina, não viesse, ás vezes, de longinquas terras, prestar a sua humilde homenagem aos pés de tão nobre e feiticeira senhora.

Porém a sua desdenhosa indiferença por tal forma os magoava, que se partiam com o coração dilacerado pelas mais pungentes dôres.

Ninguém sabia a causa de aquella sua desdenhosa indiferença e por bastante que a procurassem não a podiam achar, tanto mais que muitos dos pretendentes se haviam distinguido pelo seu grande poder, graça, formosura e riqueza.

Elsa contudo não se encantava e a sua alma, tão clara e livre como as gaiotas, continuava esvoaçando ao sol poente, sôbre a imensidade calma e profunda do mar.

Isto entristecia o velho rei seu pai; mas Elsa não pensava em tal e, embalada pelo murmúrio nostalgico das ondas, adormecia com a face descansando sôbre uma das suas pequeninas mãos, mais macia e branca que uma petala de lirio.

O mar achava-lhe graça, as flôres invejavam-na e Virgem Maria, lá do alto, enviava-lhe a sorrir a bênção, num palido raio de luar bendito. Um encanto...

Mas, como o bem pouco dura, uma vez aconteceu que Elsa, descuidosa, se deixou dormir mais que costumava. A noite era clarissima e os laranjais, em flôr, numa ânsia de frescura, envolviam de perfume as virações da terra. O arfar da vaga, ritmico e dolente, trazia ás almas docemente tristes um encantamento indefinido, um desejo subtil de elanguescer de amor.

Elsa, adormecida sôbre a sua pequenina mão, mais macia e branca que uma petala de lirio, não suspeitava sequer da perfidia com que as fadas tecem de luar redes translucidas em que prendem corações de raparigas. E assim foi que, nessa noite mística de maio, as andorinhas, mal despertadas ainda, se ergueram nos ninhos, a escutar a suave balada que do mar lhes vinha.

Com elas, Elsa despertou também e, oculta entre as trepadeiras,

silenciosa e casta, perdeu-se a descansar o longo olhar azul na luminosa alvura de umas velas brancas, enquanto as notas plangentes de um alaúde, de mais em mais gemidas, lhe vinham cair a tremer dentro da alma.

Esse foi para Elsa um momento fatal.

E ao descansar mais tarde em rendas leves sua cabecita de anjo, loira como um sol, uma grande saudade, uma inquieta mágoa, como um vendaval que as folhas leva, para longe lhe levou a paz de aqueles sônos que outr'ora a traziam mais rosada e fresca que uma aurora.

Foi o tempo porêem correndo e Elsa, oculta atrás das trepadeiras, continuava escutando, pelas noites transparentes, os sons do alaúde feitiçeiro.

Umaz vezes eram melodias graves, cheias de notas prolongadas e soluçantes como queixumes de mães junto de berços vazios; outras, vibrantes serenatas em que os sons, de uma limpidez ruidosa de cristal, deixavam dentro das almas a impressão festiva e comovente de banquetes nupciais á luz do luar.

E Elsa pensava:

— Que pênna a noite não ser eterna e a vida também... Deixava me ficar aqui, ao pé do mar, das flôres, do arvoredado e êle, o meu bardo, cantaria para me embalar...

— Hei-de pedir-lhe que me leve. Eu sei... o batel é estreito, mas tem asas grandes e brancas, que é quanto basta para voar. Depois, o mar não tem fim e assim se pode correr nele por muito tempo, sempre atrás da noite e das estrelas, até nos cansarmos. Então desceremos as velas para sobre elas dormir e, se alguns marinheiros nos encontrarem, perguntarão: aonde iriam aquêles que aqui estavam?...

E nestas meditações suavíssimas de legenda, Elsa passava horas esquecidas, sem reparar sequer em que as tiliás iam largando já as suas folhas e as andorinhas os ninhos costumados.

O outono agonizava.

As primeiras chuvas haviam já caído e um nordeste frio, impertinente, fazia ao longo dos pinheirais da costa sussurros enervantes.

Nuvens pardacentas e compactas, rolando apressadas pelo espaço, punham nas almas e nas coisas sombras fugitivas de um contorno indeciso e enigmático e uma ondeante tristeza, como um pressentimento mau, amedrontava a natureza inteira.

Uma manhã, era domingo, Elsa ao erguer-se do leito, pálida, de uma palidez mística de Virgem, sentiu descer sôbre o seu pequenino e delicado coração uma mágoa imensa que a tornou mais melancólica e doente que um crepusculo.

Nos campanários das torres alvejantes, as vozes dos sinos, sonoras e argentinas, anunciando a missa, deixavam no sombrio da paisagem fulgurações diamantinas e um doce aroma de mirra, diluído ao de leve na suavidade húmida do ar, trazia á memória piedosa dos homens vagas reminiscências de longinquas e idílicas paragens.

E tão grande e profunda fôra a angustia que sôbre o pequenino coração de Elsa descera, que as aias ao chegarem para a vestir, com espanto notaram que tinha as mãos geladas como as de uma morta e os lindos olhos azuis pisados de chorar.

Momentos depois, ajoelhada sob o olhar clemente de Jesus, alheia ao murmúrio de assombro que a sua passagem luminosa e esbelta erguera na multidão devota, Elsa quedou-se orando longo tempo, lábios a arder,

livida, translúcida, como as visões angélicas que doiram dos Santorais as místicas iluminuras.

Ora contam as lendas que na noite de este dia agoirento, um rude temporal pairava sôbre êsse longinquo país de sonhos e quimeras.

O céu era de lôdo e o vento, num desvairo, arrancava ao mar gemidos terríveis e selvagens.

Pois nessa noite de agonia, dizem que velhos marinheiros vindos de longe, fugidos á tormenta, entreviram pairando ao largo do Castelo a mancha esguia de uma vela branca e crendo que fôsse alguma aparição fantástica, filha da treva e do demonio, desviaram o olhar e fizeram o sinal da cruz. Dizem mais que ao procurarem lobrigá-la ainda, já quando findo o primeiro pasmo, de essa entrevisão apenas restava o extremo alvor, o ultimo fremito de uma asa tenue que evanesce e morre.

O vento amainara.

Das vertentes das montanhas, como um côro nostalgico de mortos, vagos rumores de cascatas gigantes espalhavam se no espaço e o mar, humilhado de remorsos, vinha já docemente afagar com suas mãos transparentes e frias a nudez clarissima dos areais.

As nuvens em debandada abriam-se de quando em quando para deixar escorrer por sôbre a terra um imenso luar, um luar de balada, brando como uma caricia, triste como uma saudade, e as folhas cheias de agua que o recebiam, de lustrosas e brilhantes, lembravam laminas aguçadas trespassando a noite.

O Castelo é sombra.

Do cimo das torres, uma tristeza flacida desprendendo-se, vinha cair no mar, como de sôbre as tranças de uma noiva um véu de luto.

E nem sequer um beijo a perturbar aquela estéril paz de granito!...

Mas, Elsa?

Elsa lá estava, deitada sôbre a relva, fria, imovel, transparente, de uma transparencia, de uma imobilidade e de uma frieza de porcelana leve do Japão. E tanta calma havia no seu rosto palido de camelia, que os primeiros a encontrá-la, entre si pensaram que a triste ali adormecera para em breve acordar.

Mas, não! Elsa estava morta. Liberta da escravidão tumultuosa da materia, sua alma subira serenamente, num largo e infindo vôo de garça, para junto de Deus, de onde viera.

Espalhara-se a dolorosa nova, e de todas as bandas se erguia para os céus um profundo clamor de desespero e de mágoa.

Ouviu-o El Rei, e, de pé, mais amarelo que as folhas de um misal, seguiu, silencioso e torvo, o côro soluçante.

Elsa lá estava morta ao luar da esplanada, mortas as suas lagrimas ultimas, fixas e geladas, no seu lustro de nácar das revôltas vagas verdes e das ondas azuis, do rosicler dos relampagos e da espuma da tempestade.. E de essas lagrimas irritadas e mortas, luminosas de misterio e de amor, se fizeram as primeiras opalas para os finos ancis das infantas adolescentes que morrem desgraçadas.

Opalas! lagrimas de noivas esfriadas ao luar! sêde sempre da dôr e da desgraça o eterno simbolo!



MÃOS DE SONAMBULA

Crepusculo mourisco em sedas escarlates :

As tuas mãos de nevoa, as tuas mãos fidalgas,
Princesinhas da Dôr, Rainhas em misterios,
Alongam-se na sombra a ressurgir imperios...
Velhos reinos sombrios, elmos coroados de algas,
Caravelas sagrando o sonho da conquista...

Primeiras naus singrando,
Primeiras naus rezando a oração da Fama :

I

No Ocaso um pintor desenha
A tela azul mais extranha
Em oiro de iluminuras :
Passam moiras a bailar
Por sobre as ondas do mar,
Falam no Mar as pinturas.

E a meus olhos vagabundos
Descem sonhos moribundos
De altos navios destroçados :
Nereides de mãos fidalgas
Acariciam as algas
Em longos gestos finados.

Desce a maré num adejo,
Preia mar do meu desejo
Em espuma e oiro fundido...
Para ouvir melhor a onda
Que a meus olhos se arredonda,
Encosto a mão ao ouvido.

E fala então, fala então
Pela onda o meu irmão,
Velho mar das descobertas:
Conta a historia comovente
Duma nau que antigamente
Fôra ver ilhas desertas.

Conta, conta e o Passado,
Como um rosario rezado,
Desfia em espuma de lendas...
.....
.....
.....

Cerra-se a noite como um manto que descái,
Bailam sombras na sombra vagamente
E minh'alma, Sibila de outras eras,
Longamente se esvái...
Emquanto as tuas mãos, Rainhas em misterios,
As tuas mãos finadas,
Tombam lassas, fatigadas
De ressurgir imperios...

CARLOS DE VASCONCELOS

JARDIM DAS LENDAS

Alta Princesa em seu diadêma régio
A tarde cái pelo jardim das Lendas,
Erra no ar dum vago sortilégio
Uma carícia heraldica de rendas.

Quási rendida, quási desmaiada,
Baila a Luz em meus olhos augurais,
Como se fossem lúcidos vitrais
Dalguma cathedral abandonada.

Minh'alma em luto anda boiando, errando,
Prêsa no encanto fugdiio e brando
Dum têma de legenda escandinava.

E a Noite vem de rastros e semeia,
Por sobre a tarde languida que anseia,
Todo o tropel das sombras que guardava.

CARLOS DE VASCONCELOS



ESTADOS D'ALMA:

AO RITMO DA MELANCOLIA

Não ha nenhuma dôr que se conserve com a mesma intensidade eternamente, embora no momento nos esfarrape o coração e nos esfrangalhe a existencia.

Por maior que ela seja, quasi nunca quebra por completo uma vida, vem esperada ou inesperadamente, rui os castelos no ar que a nossa mocidade ou a nossa imaginação architectára, leva-nos mais uma ilusão, um amor, um carinho, uma amizade, como o furacão que destrói mas passa depressa; e na alma fica sómente uma recordação, uma saudade, mais ou menos dolorosa, mais ou menos perdurável, tal como a humidade que a agua corrente deixa ao passar pela terra...

Tudo se esvai na voragem da vida, tudo desaparece no turbilhão do tempo, e aquilo, que um momento julgáramos eterno, passa, tempos depois, a ser simplesmente... aguas mortas, aguas passadas.

*

«Infancia morta! infancia morta!» é a balada triste que, nestas tardes agónicas de Outono, o vento, que foi sempre meu inimigo, géme lugubrememente á minha janela, enquanto na rua passa gente indiferente e das arvores desprendem-se as folhas sêcas.

«Infancia morta! infancia morta!» dizia ha dias o vento implacável, altas horas da noite, sem que me deixasse cerrar as pálpebras cansadas que perscrutavam ansiosamente o escuro da noite, enquanto a cidade dormia pesadamente.

E aquella noticia, que a tantos causaria inconsciente alegria, ecoava tristemente no meu coração, como um dobre de finados.

E o vento, escarminho, parecia dizer:

«A vossa infancia, mesquinhos seres humanos, é como as folhas das arvores que eu desprendo silenciosamente e monotonamente faço cair nas pedras húmidas dos passeios, nas ruas lamacentas da cidade.»

Pensei com tristêza na verdade dessas palavras e inconscientemente pus-me a

recordar o passado, obedecendo instintivamente a essa tãra dêste «povo de fado triste» cuja esfinge é o «Desterrado», desta raça predestinada que esculpiu em Saudade a sua Alma feita de Sonho e Dôr, dêste «povo de herois pescadores» que, andando sempre em busca da terra de Chanaan, quasi não tem fôrças, no presente, para deixar o passado, glorioso embora!

E para quê, para quê pensar de novo e sempre no passado, porque não pensar sómente no presente, trabalhando para o futuro da raça que há-de renascer na «era lusuada», tendo achado o seu sentido na saudade que é «Recordação e Desejo?...»

«Infancia morta! infancia morta!...»
Chorar da raça!... recordações minhas!...

Mas o sol esplendoroso, o meu bom amigo, o companheiro da raça, despertava já e erguia-se de novo, mais belo ainda, para a luta e para a vida, annunciando o triunfo do homem e a vitória da terra, e eu acordei tambem do sonho mau que havia tido nessa noite, com mais odio ao vento e mais amor á existencia.

E êsse sol radioso que se erguia entre canticos luminosos de vida e de triunfo no céu claro e limpido da nossa terra, entre todas bendita, por uma madrugada plácida de outono, era como que o arauto anunciador da nova época, mais gloriosa ainda, que, estou certo, um dia se abrirá para este povo, desperto, enfim, do seu sonho secular, que se transformará, então, na realidade por que ha tanto anseia.

JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA

1916 — Outono Morto

Do livro «Tempestades»... a saír.

EXPOSIÇÕES

ADRIANO SOUSA LOPES NA SOCIEDADE NACIONAL. — ABRIU ÊSTE MÊS NA SOCIEDADE DE BELAS ARTES UMA GRANDE EXPOSIÇÃO DE PINTURA PROMOVIDA PELO GENIAL ARTISTA — O GRANDE PINTOR-POETA DOS «NARCISOS» E

DAS «ONDINAS», O INCOMPARAVEL E COLOSSAL AGUA-FORTISTA DA «EGIPCIA» E DO «SATIRO» CUJA APRESENTAÇÃO EM LISBOA, DEPOIS DAS SUAS VIAGENS, SE REALIZOU COM O MAIS EXTRAORDINARIO EXITO.

NO PROXIMO NUMERO PUBLICAREMOS UMA CRÓNICA SOBRE ESTE NOTAVEL ACONTECIMENTO DE ARTE.

EXPOSIÇÃO «ALMA NOVA».

Desejariamos falar longamente desta iniciativa de gente nova, que firma um grande passo andado no nosso meio artistico, e significa muita boa vontade. Infelizmente o espaço escasseia, e só poderemos num resumo injusto passar em revista os melhores trabalhos da exposição.

Nela se distinguem: Martinho da Fonseca, desenho fluido mas bom, cheio de sentimento e arte. Saavedra Machado, um dos infatigaveis organizadores do certamen, apresentou nos sanguineos muito firmes que, embora não tenham a mesma finura dos de Martinho, avantejam-se-lhe em parencça com o modelo. Em seguida vem Leitão de Barros, o primeiro temperamento de aquarelista de entre os novos que já fizeram as suas provas. As suas manchas de marinhas, o sombreado intenso do arvoredo, são notaveis de ousadia e vigor.

Ao correr da pena vem Stuart Carvalhaes, cujas obras, duma simplicidade sem affectação e uma sobriedade extrêmamente decorativa, impõem-se.

Dordio Gomes, um verdadeiro temperamento de artista,—o pintor dos longes melancolicos do Alemjejo—dá-nos belos *croquis*, e uma mulher,—canção duma beleza sem par.

Bonvalot, infeliz no oleo, mas tocando com mestria uma natureza morta a pastel.

D. Alice Carneiro, quadros que me dão que pensar no seu futuro como aquarelista.

Uma *maquette* de Leitão de Barros e Paulino Montez para uma habitação é interessante e bem equilibrada nas suas linhas gerais.

Em escultura ha coisas aceitaveis, mas ha outras que parecem reptis extranhos em que os autores, á falta de talento real, buscam a originalidade na extravagancia. Um baixo relevo de Maximiano Alves duma linha elegantissima é a melhor escultura da exposição.

O pouco espaço não nos permite refe-

rir-nos a outros trabalhos menos importantes, e fechamos louvando aqueles que organizaram tão interessante certamen. E' de esperar que das proximas vezes, escolhidos os trabalhos com mais serenidade e noutra sala em condições de luz, nós tenhamos o prazer espirital bem grande de admirar uma bela exposição de Arte.

Fevereiro de 1917.

F. DE S. FONSECA.

EXPOSIÇÃO DA SENHORA ADELAIDE LIMA NO SALÃO DA CASA BOBONE.

Neste meio pequeno, as Senhoras que fazem arte, por meio da pintura, são muitissimo raras.

Neste «paraiso» em que qualquer «albertina» triunfa, merece um respeitoso e entusiastico aplauso a Senhora Lima Cruz. Aparte algumas amadoras distintissimas da pintura, que reconditamente trabalham num isolamento misterioso de freiras-pintoras, como as Senhoras Sarah Gonçalves e Adelaide Fernandes, a Senhora D'Korth e outras desconhecidas artistas — fica isolado o nome de Adelaide Lima como uma pintora de merito em qualquer parte do mundo e como o de uma grande pintora em Portugal.

Merece-nos porém alguns reparos a obra agora exposta na Casa Bobone.

«A merenda», cuja tecnica lembra muito a do Mestre Reis, tem leves descuidos de desenho, faltando ao quadro uma certa eleição de côr.

A grande obra de sentimento é a «Sonata de Mozart» em que, se não fôssem pequenos erros na perspectiva do piano, chamaríamos tambem uma grande obra de pintura.

«Antiguidades» é um trabalho muito curioso, muito feminino e de que guardava uma carinhosa recordação desde que o vi ha anos na Sociedade Nacional. Os numeros 3 e 4, são quadros admiraveis de natureza morta, talvez as obras mais completas da exposição.

Na tecnica do pastel é a Senhora Lima Cruz um pouco inferior ao oleo, sendo no entanto 16—Pêssegos—de muito bom claro escuro e desenho, mas falho de composição.

Os trabalhos dos discipulos da Senhora Lima Cruz não merecem nota especial. São todos muito razoaveis em absoluto, e relativamente ao que costuma aparecer de amadoras, optimos, sendo no entanto o numero 28, «Veludo e Frutas», muito completo.

COTTINELLI TELMO

BIBLIOGRAFIA

LIRA DE CIBELE — MELOPEIA
EXTRANHA — POR F. MENDES
DE BRITO.

Numa edição cuidada e formosa que é já de per si um indicio de bom gosto, Francisco Mendes de Brito deu-nos em prosa ritmada este livro marcante de individualidade e brilhantissimo talento, a impô-lo no mar verde-perfidia que o amor da literatura lança misteriosamente, sob alguns olhos medium de belesa, como um dos temperamentos mais originaes de artista-poeta e de emotivo que dentre os novos acordaram.

Hino panteista cheio de talento e côr, este livro singular, escrito em louvor de Cybele, percorre toda a gama policroma do som, em ritmos de orquestra barbara, parando sem transições do tragico arripiar das aguas oceanicas à morna dolencia dum cheiro de rosas bravas que languidamente agonizem, por uma biblica tarde outonal, nalguma sebe de caminho abandonado, em que a penumbra e o silencio de mãos dadas, deixem ouvir o cadencioso misterio dos seus panos de sêda.

A's vezes sentem-se rajadas e loucuras que se enlaçam estreitamente num bailado extranho e macabro, emquanto o vento sibila e gargalha, «bebado histrião» que á noite feito briza acaricia dolente a copa verde-negra dos sobreiros e a suavissima cobertura de folhos em que se envolvem os choupos, esquisita e esgualmente saudosos do luar, cujos olhos outonais são as orbitas da caveira dum certo sol que mais amorosamente os aqueceu... Se nos despirmos da emoção para a analise da tecnica, notamos logo ser a justeza do vocabulo uma das suas virtudes primordiais e que mais graça, belesa e brilho pousam no deslumbramento das suas paginas. Assim: — *Hoje ha dança hirta nos restos*, esta palavra hirta, lançada aqui num aparente descuido, tem a magia extranha de me desenrolar diante dos olhos evocadores e nostalgicos a desolada e poeirenta planicie de restos do meu torrão, quasi Alemtejo — que o é na paisagem e nas almas dolentes e arrastadas. — *Oiçam-lhe o hibrido perfume das imagens: — Apalpem agora a noite, é sinistra, viscosa cutis de salamandra!*

E antes de terminar e ainda sob a musicalidade que reza nas estancias desta melopeia extranha, beijem comigo o manto de burel que amortalhou S. Francisco de Assis, para que os nossos labios digam cheios de pureza este versiculo suave:

— *Lá oiço eu, a subirem no aroma do rosmanninho, cantigas de folk-lore!*

AMERICO DURÃO

«L'EFFORT PORTUGAIS» — POR
PAUL ADAM.

Editado por um comité presidido pelo Sr. Stephen Pichon, *L'Effort Portugais* reproduz uma conferência realizada em Bordéus pelo Sr. Paul Adam, na qual o autor das vigorosas páginas da *Force* passou em revista toda a nossa história, ilustrando-a, desde a sua origem, com observações e relatos curiosos.

O interesse sempre crescente dêste, para nós, importantissimo trabalho, atinge, porêem, o seu máximo, quando o notavel conferente nêle se refere ao esforço sobrehumano, colossal e inegalado, das nossas conquistas e descobrimentos e analisa essa soberba criação da raça portugueza — o Brasil intelectual, agrícola e industrial.

Por fim, Adam compara a obra colonial do seu e do nosso país, citando números que, pela sua eloquência, não resisto a transcrever:

Desenvolvimento do valor da produção entre 1893-1903

Guiné francesa	300 %
» portugueza	1400 %
Oceania francesa	60 %
Cabo Verde	250 %

Desenvolvimento comercial total

Superfície em	Colónias francesas	Colónias portuguezas
quilómetros	2.500.000	2.120.000
Habitantes . . .	34 milhões	19 milhões
Tráfico em frs.	215.500,00	317 milhões

E, depois de evidenciar a sua admiração pela «*étonnante prospérité de San Thomé et de Principe, la beauté de leurs paysages, l'opulence de leurs domaines étendus, l'excellente installation des œuvres sanitaires, la nouveauté savante de l'outillage dans les plantations de cacao, de café, de quinquina*», termina êste capítulo com as palavras que fecham esta nossa rápida noticia e que, no momento em que já se pensa na reforma da carta politica da Africa, temem uma excepcional importância, pois resumem todo o direito que nos assiste de permanecermos das mais importantes potências coloniais:

— «*L'avenir de la civilisation européenne aura pour tâche, de transformer l'Afrique durant le XX^e siècle, comme fut transformée l'Amérique du Nord pendant les XVIII^e et XIX^e siècles.*

«*Là-bas, le Portugal entre tous, saura, le plus tôt, réussir.*»

LUIS ROBERTES SIMÕES RAPOSO

AGROS — BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA E PERIODICO DE PROPAGANDA AGRICOLA. N.º 1—1917.

No seu artigo de apresentação manifesta-se a boa vontade dos estudantes de agronomia que, compreendendo qual é a nossa situação e como deve ser atacado o problema português, querem contribuir quanto possível para a prosperidade nacional, esforçando-se por ser bons profissionais e pelo ressurgimento da agricultura.

A publicação do artigo — Plantemos arvores — de José Maria Grande, é um testemunho carinhoso de gratidão para com o primeiro director da Escola de Agronomia de Lisboa, a antecessora do actual Instituto.

Muito interessante e muito aconselhavel a leitura do artigo do sr. Antonio Sergio, cujo nome basta para o avaliar.

Achamos bem que Revistas desta natureza apareçam pelas escolas superiores, para que os seus alunos possam lêr e escrever trabalhos da sua especialidade, que por terem um publico restrito não podem desenvolvidamente sair noutra qualquer publicação.

Aos nossos colegas de Agronomia enviamos um parabem sincero com os nossos votos de prosperidade.

CHARCOS — POR ALFREDO FREITAS-BRANCO.

E' um romance sem belezas de forma ou de tésse, numa linguagem facil, nem sempre suportavel, recorrendo o seu autor as mais das vezes a banalidades de dialogação e descrição, ambas nada intensas, e muito faltas de realidade.

Os bonitos versos de Joam Cabral do Nascimento

.....
Vivo exilado e triste a minha Arte,
Afastado do mundo em qualquer parte
Onde o éeo dos outros já não vem.

E assim meço a distancia surpreendente
Que se alonga de mim á outra gente—
Na curva ascencional do meu Desdem.

com que o autor abre o seu livro, dão-lhe um pretenciosismo injustificável.

Com um enredo complicado, uma má apresentação e pessima delineação das personagens, o sr. Freitas Branco faz desaparecer o assunto fundamental do livro, se é que o tinha, pois que tudo trata quasi igualmente desde a lenda da Moura até à morte de Maria Clara.

Querendo dar-nos um ambiente de arte e inteligencia superiores, é de uma enorme infelicidade, e cheio de inverosimilhanças.

Tem o sr. Freitas-Branco mais livros em preparação. Que antes de os publicar se esforce por conseguir uma prosa original, e que não o conseguindo, nos poupe ao trabalho de o lêr.

Edição da Casa Ventura Abrantes—Livraria Editora — 80, Rua do Alecrim, 82, Lisboa.

ALEM-MAR — POEMETO ÉPICO DE JOAM CABRAL DO NASCIMENTO, PARA NARRAR A HISTORIA TORMENTOSA DAS CARAVELAS QUE APORTARAM Á ILHA DO SENHOR INFANTE NA MADRUGADA DO SÉCULO XV.

Impresso com uma ortografia e um aspecto mediocre, a que não corresponde nada o papel nem a indicação — Tip. H. Pereira, etc. — desnecessariamente colocada logo na primeira página, o livro do sr. Joam Cabral do Nascimento não é decididamente a melhor nem das melhores das suas composições; os versos, que parecem traduzir uma lenda nalguns pontos confusa, não são aproveitados muitos nem pelo poeta, que o é incontestavelmente, para revelar as suas qualidades.

São forçados e mal soantes os versos com que fecha o seu trabalho:

«Terra, meu Deus! De gíolhos, de gíolhos!
«Oh Virgem-Mãe, anda enxugar-me os olhos...»

Achamos no entanto interessante a ideia do poemeto, porque sendo o seu autor um madeirense, bem lhe vai que queira contar-nos cousas que se relacionem com a sua terra.

Edição da Livraria Brasileira—Rua do Ouro, 192—Lisboa.

VITRAL DA MINHA DÔR, POR AMÉRICO DURÃO.

É um livro de versos de uma Beleza estranha, que revela em Américo Durão uma Alma de Artista, que em breve obterá uma consagração unânime.

O pouco espaço e o pouco tempo de que dispomos não me deixa que analise o livro tão detalhadamente como êle merece.

Os seus versos cheios de côr e de som, o ritmo, o poder de sugestão e a felicidade das suas imagens, sem maneirismos fáceis nem convencionalismos, conseguem fazer-nos acompanhar e sentir todo o sofrimento de uma Alma de Poeta para quem

Neste mundo tudo falta, tudo mente!

Via Dolorosa

e cujo pensamento, subindo, subindo, se
afasta tanto, que

Tento fugir de mim, cárcere estreito.

A minha Tragédia

E, nesta febre de subir mais alto,
Ando esquecido a perguntar quem sou!

Abstinência

A sua psicologia de diferente explica-a
êle assim:

Há na minha Alma a emoção secreta
Da vida, que vivi num outro ser...

.....
Não serei eu alguém que, no passado,
Condenaram à pena de viver?

Transmigração

Os sonetos—A Minha Tragédia—e
—Diferente—e a poesia—Eu—, são uma
síntese.

E todo o sofrimento, toda a dôr da vida
ressaltam dos seus versos, com aquela,
ansiedade do Além que tanto e tanto o
caracteriza:

Quem sabe lá se para Além da Morte...

O Pensamento

Sou vago... para Além meu ser debruço.

Extâsi

E no seu sofrimento, sente a Beleza da
vida, por isso que

Sigo.....
Na bíblia da Minha Alma absorvo a lér
Meditações, sobre a Tragédia estranha,
Dos que passam na vida sem viver...

Existo?

E com esta transcrição termino o
ligeiríssimo resumo do que da sua perso-
nalidade se adivinha através dos seus
versos:

Mas não existo.

—Souho errante de alguém que muito amou,
Sou a sombra nostálgica de Cristo,
Sou tudo o que há-de vir, e já passou!

.....
Sou o sonho de Mim-Mesmo!

Eu

O—Vitril da Minha Dôr—tem paisa-
gens duma viveza grande, telas que só
um poeta sabe pintar...

Os sonetos—Ao ritmo do Outôno—
Horas—A Senhora Rosa evocadora de
Princesas—duma graça enorme, e—Ca-
tedral—Noite—duma fina emoção, duma
grande originalidade e dum modernismo
flagrante, são dos melhores do seu livro.

No entanto, publicou duas composições
que me parecem destoar do conjunto: são
os sonetos—Suave—e—Enlêvo—feitos
com certeza há muito tempo, porque não
teem aquela fluência e aquela originali-
dade que Américo Durão nos habituou a
encontrar nele.

Os versos que em seguida copio são
algumas das mais lindas imagens que nele
encontrei:

Teus olhos, luas negras de veludo,
A' hora róxa e triste do sol-pôsto.

Rainha

O sol é como um rei que o já não fôsse.
Orquídea róxa afoga-se no mar.

Da tetralogia — Horas — Avé Marias

A lua fez da Terra a nossa catedral,
—A Catedral dos Pobres—

.....
E dou-lhe um só vitral
Em que se espelha—o Mar!

Catedral Noite

..., em nós a vida lembra num gomil
A hóstia ensanguentada do sol-pôr!

Abstinência

O plano do livro—Vitril—Claustro
pleno—Ante-manhã—Calix de Ouro—,
o título e as composições, revelam a esté-
tica que com o seu talento fazem esperar
de Américo Durão um grande Poeta.

A crítica que se tem feito ao seu livro
foi por vezes bastante infeliz, porque se
esqueceram de o querer compreender
para o poder interpretar. Estou conven-
cido que cai menos nesse êrro do que
qualquer outro.

Edição da Livraria Rodrigues & C.—
186, Rua do Ouro, 188—Lisboa.

CELESTINO SOARES

Agradecemos a todos os jor-
nais que se referiram ao nosso
aparecimento as palavras lison-
jeiras que nos dirigiram, espe-
cializando *A Luta*, de Lisboa,
O Heraldo, de Faro e *O Com-
bate*, da Guarda.

Tendo a SPHINX recebido
várias cartas de leitores emi-
tindo opiniões pessoais sobre a
orientação que segue, declara
que não responde individual-
mente pela via epistolar nem
deseja encher estas colunas com
polêmicas estereis.

ATRAVÉS DA VIDA ACTUAL

A GERAÇÃO NOVA:

A geração nova! Muita injustiça se tem espalhado àcerca dela! As ideias mais ou menos audaciosas que ela apresenta são, em regra, mal recebidas por quem já não é novo. Será incompreensão? Hostilidade?... O pensamento e as obras dos que actualmente estão entre os dezasseite e os trinta anos não correspondem aos desideratos daquêles que já venceram os obstáculos da mocidade? Talvez! Porém, lembrem-se os censores de que nós, os novos, se existimos, não é para levar a cabo tais ou tais planos *preconcebidos* por nossos maiores. A vida é cheia de imprevistos e surpresas. As tendências, gostos e vocação dos novos raramente concordam com os desejos daquêles que por nós dizem interessar-se... E' talvez por isso que nós os novos somos, quase sempre, tão imperfeitamente julgados.

Sobre êste interessante assunto, que merece especial atenção da «Sphinx», dissertou, há pouco tempo, num jornal da noite, o publicista Cunha e Costa, em termos devéras notáveis. Muito bem diz êle que «a mocidade é a garantia da familia e da nação; é o *amanhã*, infundavelmente repetido. Recebê-la com hostilidade é um contrassenso e pode vir a ser um crime. E' um contrassenso, porque contando o tempo que ela nos sobreviverá, nos esquecemos de contar aquele que já vivemos e ela não. Pôde vir a ser um crime porque uma geração hostilmente acolhida por as que a precederem não tardará em repelir, como *inimigos*, aqueles de quem deveria ser *colaboradora*. Assim, numa sociedade equilibrada, a missão essencial dos homens já maduros mas ainda não caducos será a de disciplinarem as energias novas, aproveitando tudo quanto nelas ha de aproveitavel, sem atacar de frente a utopia e antes com ela contemporizando até que o tempo, grande mestre da vida, a esbata ou dissolve. Sempre tirei o maior proveito da troca de ideias com gente nova. Se alguma coisa lhe ensino, também muita com ela tenho aprendido. A sua leitura humanista é escassa, mas a vida intensa do nosso tempo traz-lhe uma precocidade que instrumentada pela natural impulsividade dos vinte anos descobre formas imprevistas de dizer, a que não faltam propriedade, elegancia e brilho... Eles pensam e muito bem, que sendo a democracia um fenomeno social, insofismavel e irremovivel, o problema do futuro consistirá na conciliação entre a *liberdade* e a *ordem*.

«Interessa-os vivamente a Patria; querem viver como Nação, uma vida autonoma e respeitada. Preocupam-se com a *moral politica*, que desejariam bem alta. E, nos domínios da Arte, principiam a compenetrar-se daquele espirito social e cristão, já anterior ás hecatombes de ha três anos para cá, e por via do qual a Arte pela Arte, torturada, delirante, deliquescente, exasperando os nervos até á nevrose, e patrimonio de alguns pseudo-iniciados, cede o passo a uma Arte larga e intensamente humana».

A GUERRA E A SELECÇÃO NATURAL:

A propósito da guerra actual tem-se falado muito em selecção e adaptação de indivíduos e povos. Estão na berlinda as velhas teorias darwinistas. Mas, como sempre, os discípulos estão deturpando as ideias do mestre... O Darwin levaria as mãos á cabeça, aterrado — e talvez emigrasse para outro planeta — se soubesse o exagerado, o diabólico sentido que a gente de hoje está dando ás suas famosas doutrinas seleccionistas. Com efeito, é um êrro considerar as guerras como um meio de selecção imposto pela natureza, a fim de provocar o esmagamento dos povos menos aptos. A civilização helénica, vencida pelos Romanos, não era inferior á dos vencedores. Se Portugal esteve sessenta anos sob o dominio espanhol, não significa isso que nós fôssemos, nessa época, inferiores aos nossos dominadores. E a prova que o não éramos deu-a a revolução do 1.º de Dezembro de 1640, proclamando a nossa emancipação. Superioridade de força ou de número não indica sempre superioridade em outros campos. A Alemanha ocupa a Bélgica pela força e pelo número; porém, não se segue daí que o povo belga seja inapto para uma vida livre. A prova de que êle quer viver e há-de viver está na resistência que, apesar de tudo, ainda opõe aos brutais invasores.

De resto, a selecção natural é uma lei muito relativa e mui problemática. Assim, por exemplo, o micróbio da tuberculose, um dos maiores flagelos da humanidade, tem destruído mais vidas do que todas as guerras juntas. Dotado de um invólucro ceroso que o protege contra os sucos do organismo, êsse micróbio é muito frequentemente vencedor na luta contra o homem. A tuberculose é, pois, mais apta para a vida do que nós! O bacilo de Koch triunfa! — Extraordinaria selecção natural!...

Exagerar as hipóteses científicas, ou tomá-las ao pé da lêtra, dá sempre resultados deploráveis.

LUÍS DE ALMEIDA NOGUEIRA.

COMPANHIA DE SEGUROS A NACIONAL

Séde na sua propriedade: AVENIDA DA LIBERDADE, 14—LISBOA

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

FUNDADA

EM

17-4-916

RESERVAS

466.508\$



Capital social

500.000\$

Capital realizado

104.000\$

SEGUROS SOBRE A VIDA HUMANA

E CONTRA

Acidentes no trabalho, incendios, roubo e riscos de transportes

AO EXERCITO

Grande Alfaiataria da Politécnica

CONVITE

Convidam-se os Officiaes do Exército, os alunos da Escola de Guerra e os da Escola Preparatória de Officiaes Milicianos prestes a serem promovidos, a visitarem este estabelecimento onde, a preços fóra de toda a concorrência, poderão adquirir os seus uniformes, verdadeiros modelos no que respeita a perfeição e acabamento. — Nesta casa confeccionam-se todos os fardamentos, como: dolmans, calções à Chantilly, peliças, capotes do novo e do antigo modelo, uniformes de campanha, etc., bem como fatos de boas e bonitas fazendas, sobretudos da moda, gabões, havendo tambem um enorme stock de capas à Alentejana que se liquidam por preços de fim de estação.

O PROPRIETÁRIO, ANTONIO DA SILVA FRAZÃO

RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 65 a 71

LA BÉCARRE

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

Completo sortido de artigos para:

PINTURA MAJOLICA

PINTURA RELEVO

PINTURA A OLEO

PINTURA A AGUARELA, etc.

F. CARNEIRO & MORAES

47 e 49 — Rua Nova do Almada

LISBOA

Au Petit Peintre

Papelaria, Tipografia, Artigos de
Pintura, Desenho e Arte aplicada

A unica casa no genero

104, R. de S. Nicolau - Lisboa

Telefone 2534

Sociedade Nacional de Belas Artes

Cursos nocturnos de aguarela e desenho
PROFESSORES

ALVES DE SÁ e ALVES CARDOSO

Os cursos mais económicos e mais bem frequentados de Lisboa

N. B.: — ESTES CURSOS SÃO MUITO FREQUENTADOS POR SENHORAS

C. A. Marques Leitão

Desenho..... 5 vol.

Iniciação geometrica 1 vol.

Planimetria 1 vol.

Estereometria 1 vol.

Planificação de solidos geometricos
50 modelos

Em todas as Livrarias

Tipografia Moderna

VITORINO & PACHECO

Trabalhos em todos os géneros

R. DE EUGÊNIO DOS SANTOS, 158-A

(Antiga Rua de Santo Antão)

TELEFONE: 4101-CENTRAL

LISBOA

AGUARELA = DESENHO = ESTABILIZAÇÃO

Lições em curso —

Preços: modestissimos

Informar-se na TIPOGRAFIA MODERNA

Rua de Santo Antão, 158-A — LISBOA

